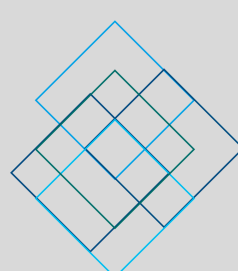
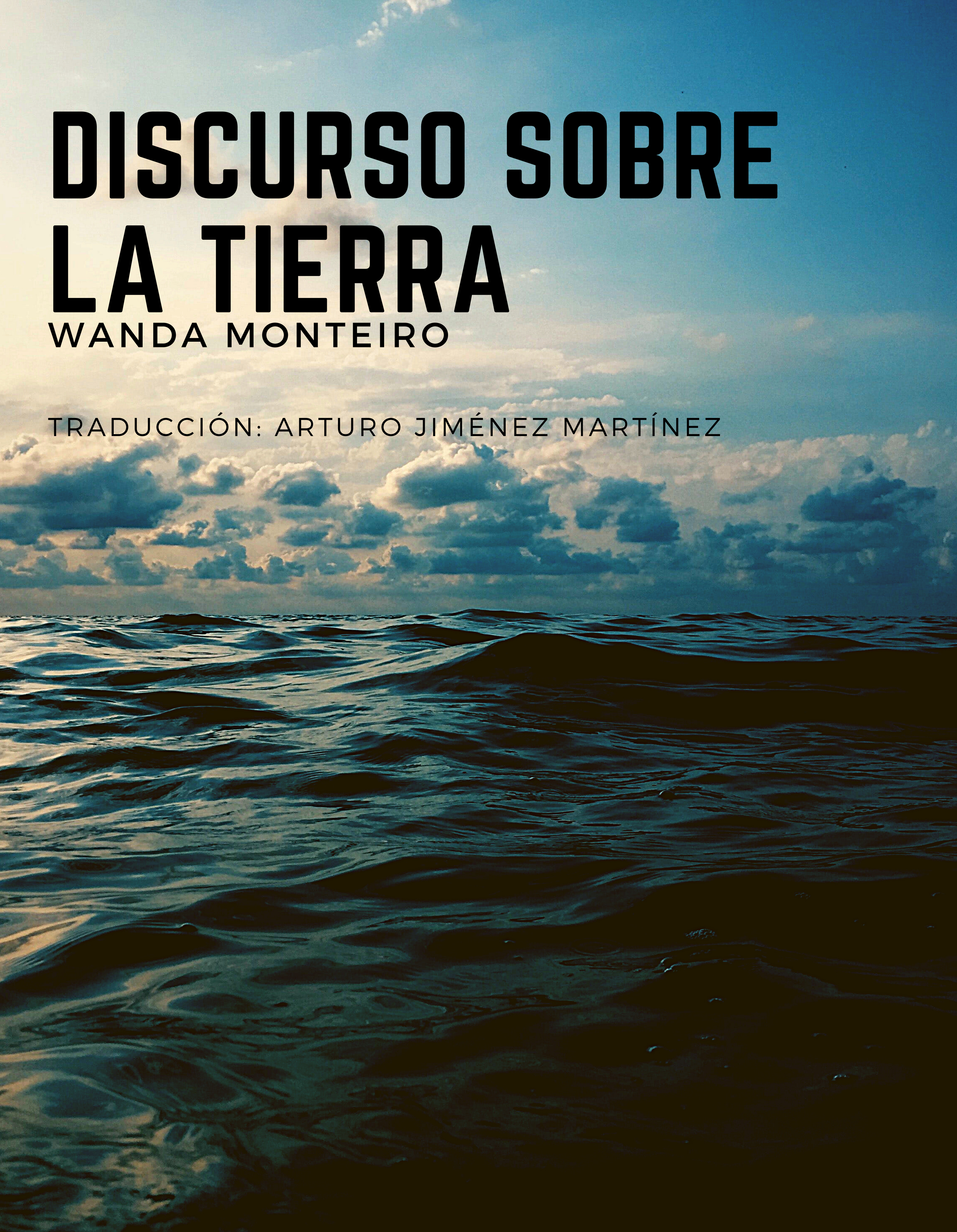
DISCURSO SOBRE LA TIERRA

WANDA MONTEIRO

TRADUCCIÓN: ARTURO JIMÉNEZ MARTÍNEZ

I

cargo en la carne de la memoria
el ocre del suelo
de barro mojado y moldeado por mil pies
una cruzada de manos en hoz
surcando un latifundio ausente de piedad
un suelo maldito
amasado bajo un velo de lluvias
encharcando el flagelo de esperanza
en un todo de crueldad

una tierra húmeda de historias
un algo sobrehumano de cuerpos ausentes de sujetos
rostros sin nombre o apellido
una historia poblada de imposibilidades.
imposibilidades de semi-gente caminando al azar

sendo camino
serpiente de martirio
cargando mil rosarios de llantos
mil rosarios de dolores
un suelo de dolor
la sombra del dolor que no quiere dejar el suelo

I

carrego na carne da memória o ocre do chão
do barro molhado e moldado por mil pés
uma cruzada de mãos em foice
singrando um latifúndio ausente de piedade
um chão cão
amálgama sob um véu de chuvas
encharcando o flagelo da esperança
num tudo de crueldade

uma terra úmida de histórias
um algo sobre-humano de corpos ausentes de sujeitos
sem nome ou sobrenome
uma história povoada de impossibilidades.
impossibilidades de quase gente caminhando a esmo

senda estrada
serpente de martírio
carregando mil terços de prantos
mil terços de dores
um chão de dor
a sombra da dor que não quer deixar o chão

II

carguna tierra flotante
camino náutico asombrado por el fuego
por el poder de la marca en brasa
una navío sin quillas
sin velas
sin mar
navío de suelo

pasajeros de destino de morir
y revivir a cada día en el vientre de la selva
de morir en el arrancar de cada raíz
y revivir en el plantío de cada semilla

la jornada de sangrar la tierra y ser sangrado por ella
la masacre de la estima de plantar y no sufrir
el partir y el repartir la tristeza de no tener morada
de ser presa de la roca impura

pasajeros del destino de ser engañados a fuerza
bajo el poder empuñado por pistolas
bajo el ojo de la pólvora mirando todo objetivo
bajo el sol
bajo la lluvia
y a la sombra única de las nubes

II

uma terra-nau
estrada nauta assombrada pelo fogo
pelo poder da marca em brasa
uma nau sem quilhas
sem velas sem mar
uma nau de chão

passageiros do destino de morrer
e desmorrer a cada dia no ventre da mata
de morrer no arrancar de cada raiz
e desmorrer no plantio de cada semente

a lida de sangrar a terra
e ser sangrado por ela
o massacre da estima de plantar
e não colher
o partir e o repartir a tristeza
de não ter morada
de ser presa da ganga impura

passageiros do destino de ser coió à força
sob o poder empunhado por pistolas
sob o olho da pólvora mirando toda lavra
sob o sol
sob a chuva
e à sombra única das nuvens

III

cun cordel de vivientes exentos de toda maldad
usurpados de libertad
del deseo de desear
la suerte en llagas en las manos
las manos vacías de futuro
las manos que ya no tienen fuerzas para reclamar

los reclamos mudos clavados en manos
en pies
en ojos de súplica

las manos
los pies
y los ojos rehenes
rehenes en la isla de la isla de soberbia
cercados y amenazados por el grito de quien secuestra
y esclaviza

III

um cordel de viventes
isentos de toda maldade
usurpados de liberdade
do desejo de desejar
a sorte em chagas nas mãos
as mãos vazias de futuro
as mãos que já não tem forças pra apelar

os apelos mudos
cravados em mãos
em pés
em olhos de súplica

as mãos
os pés
e os olhos reféns
reféns na ilha da ilha da soberba
cercados e ameaçados
pelo grito de quem prende
e escraviza

IV

un tumulto de dolor a la flor de la carne de mil vidas
la ambición de promesas no cumplidas
mil promesas de vida
sofocadas por el destierro
mil sueños abortados en este camino sinuoso
zanja y bache de mil virtudes
mil virtudes caminando sin caminar

un camino en el desvío
testigo de un cirio interminable
en el siempre dereparto por el pan y por la sangre
el pan y la sangre de un dios que nunca nació
un suelo deforestado de paz
deforestado de fe
deforestado de dios

una fe sin dios
del rebaño de toda la gente
provenientes de casi nada
cubiertos de toda espera
vacíos de futuro

¿de dónde vienen?
¿para dónde van?

siempre pasando
siempre pasando

IV

um tropel de dor à flor da carne de mil vidas
a sofreguidão de promessas não cumpridas
mil promessas de vida
soterradas pelo degredo
mil sonhos abortados nessa estrada
cava e cova de mil virtudes
mil virtudes caminhando sem caminhar

um caminho no descaminho
testemunha de um círio infindo
no sempre de partilha pelo pão e pelo sangue
o pão e o sangue de um deus que nunca nasceu
um chão deflorado de paz
deflorado de fé
deflorado de deus

uma fé sem deus
do rebanho de toda gente
vindos do quase nada
cobertos de toda espera
vazios de futuro

de onde vêm?
para onde vão?

sempre passando
sempre passando

V

un pasaje
un pasaje marcado de memorias
en el rastro de las botas
las hojas muertas pisadas bajo el mismo sudor
empapadas de infortunio

un cultivo de infortunio
turbias memorias
pocas palabras
de silencio
y espera

la espera que este suelo vengue otro suelo
otro suelo llorado por tanto rezo
soñando por tanta promesa

una tierra de promesa
una promesa

apenas promesa.

V

un puma passagem
uma passagem marcada de memórias
no rastro das botas
as folhas mortas
pisadas sob o mesmo suor
molhadas de infortúnio

uma lavoura de infortúnio
turvas memórias
poucas palavras
de silêncio
e espera

a espera que esse chão vingue outro chão
outro chão chorado por tanta prece
sonhado por tanta promessa

uma terra de promessa
uma promessa

apenas promessa

FORA
GARIMPO

Wanda Monteiro é escritora e poeta, uma amazônida nascida às margens do Rio Amazonas, no coração da Amazônia, em Alenquer, Estado do Pará. Reside há mais de 30 anos no Rio de Janeiro, mas só se sente em casa quando pisa no leito de seu rio. Suas obras: *O Beijo da Chuva*, editora Amazônia, 2008, *Anverso*, editora Amazônia, 2011, *Duas Mulheres Entardecendo*, editor Tempo, 2015, *A Liturgia do Tempo* e *outros silêncios*, ed, ed Patuá, 2019. Seu livro mais recente é *Aquatempo Acquatiempo— Sementes líricas* (Editora Patuá, 2019).

Fotos: Bruno Kelly, Ria Sopala e Victor Moryama
Conceito Visual e Diagramação: Taciana Oliveira

Fotos: